

O QUE PODE UM BRINQUEDO AFRODIASPÓRICO NUM REINO DAS ÁGUAS? O SACO DA EXISTÊNCIA E OS CAMINHOS DAS APRENDIZAGENS NA PESQUISA COM CRIANÇAS

GABRIEL BETTIOL GODINHO¹; CAROLINA BRANDI²; RITA MEDEIROS³;
MÍRIAM CRISTIANE ALVES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas- gbettiolg@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - carolinabbrandi@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – redefreinet@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO: entre as crianças de terreiro, a pesquisa e um brinquedo afrodiaspórico

Este trabalho é pororoca nas interações e cosmopercepções no grupo de pesquisa Omo Kekere - Culturas Infantis de Terreiro, desenvolvido desde maio de 2022, junto a oito terreiros de tradições de matriz africana, em três cidades do Brasil. Por que pororoca? Porque tem nos levado a instigantes perguntas e achados nos processos de pesquisas com crianças, tal como o fenômeno natural do encontro entre águas doces e salgadas, é sempre surpreendente e pulsante, pois tem nos colocado em estado de admiração e encantamento. Nossa grupo é cria do “Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉÉKÒ: Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais”.

Na primeira onda epistemológica nos deparamos com as ideias de cosmopercepções advindas de OYEWUMÍ (2002), aquela que nos avisa que a cosmovisão não é suficiente para conhecer, é preciso que os demais sentidos, além da visão, estejam ativados para compreender o mundo, e, no caso das crianças de terreiro: o que dizem seus corpos, seus balanceios, seus paladares, seus toques, seus cheiros? Embora a autora não esteja voltada aos estudos das infâncias, sua discussão teórica nos ajuda a produzir modos contra hegemônicos de fazer pesquisa. Dentre esses modos, emerge a criação de um artefato metodológico, que é, ao mesmo tempo, brinquedo e síntese das circularidades brincantes do axé: o saco da existência. Com ele, giramos numa produção de sensibilidade de pesquisadores e pesquisadoras que precisam utilizar a linguagem própria das crianças, que constitui-se no brincar, para desaguar em teorias próprias advindas dos fazeres das crianças. Por outro lado, a palavra xirê, tão familiar em nossas religiosidades, também nos empresta a idéia de que fazer xirê é brincar com nossos corpos cantantes e dançantes.

Acompanhamos o mergulho de FERREIRA (2002) ao nos afirmar que há necessidade de conceber uma condição de criança socialmente construída no dia a dia, na experiência, na relação direta e implicada com o outro – adultos e crianças, em contextos sociais específicos e diversos. Deste modo, a reconfiguração dessa experiência relacional em eventos estáveis e duradouros torna-os patrimônio cultural inerente ao grupo de crianças. Como este patrimônio geracional vem atravessando a nossa pesquisa? Que aprendizagens navegadas são vislumbradas por nós?

2. METODOLOGIA: de gira-mapa, de marola em marola, o que nos ensinam corpos-sujeitos-infantis de terreiro?

Embarcamos num processo de aprofundamento e fundura nas marés deste terreiro, tendo a gira-mapa (ALVES et al., 2022) como metodologia fundamental, ancoradas na afrografia e na oralitura de LEDA MARTINS (2003). Tomamos como barcos os caminhos da pesquisa entre crianças, infâncias e comunidade de terreiro. Como afirmamos anteriormente, para confluir com as crianças pequenas criamos um artefato metodológico: o saco da existência. Mas o que é o saco da existência? Como podemos, através dele, navegar na pesquisa, levados pelas crianças?

A partir de um brinquedo estratégico, que serve como disparador de modos de ser, estar e compreender o mundo, a partir das comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana criamos um cenário para aguardá-las, colocando uma toalha branca sobre dois bancos baixos, colocando três sacos com artefatos sobre a mesa. O saco da existência contém elementos pensados pelas pesquisadoras e pelas lideranças dos terreiros, tomados como elementos lúdicos e, ao mesmo tempo, sintetizadores da tradição naquele espaço-tempo. Por exemplo, no terreiro em análise, o saco continha folhas comuns na tradição, pequenas gamelas, colares de sementes, pedras, sinetas, bonecas, panos coloridos, agês pequeninhos, conchas, peneiras e colheres. Para registrar a experiência, utilizamos da descrição intensa dos cenários construídos pelas crianças nos diários de campo, juntamente com fotografias e vídeos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: praias e ressacas nas brincadeiras com o saco da existência

Escolhemos uma categoria advinda de nossas entradas neste terreiro: **as ressacas**. São momentos em que as crianças irrompem o adultocentrismo próprio de nossas certezas, quando o grupo de crianças ou uma delas traz uma reinvenção ou uma recomposição do já estabelecido. A seguir descrevemos e apresentamos quatro imagens em cena, para entre cruzar primeiras asserções sobre o tema da pesquisa e nos perguntarmos: como e quais culturas infantis de terreiro se avizinharam neste território, em meio às cenas?

Cena 1: Mariana e o saco-esconderijo

Mariana é uma menina branca de quase dois anos. Ela entra no terreiro, passa pela mesa de toalha de crochê com os sacos da existência e nem olha. Vai direto baixar e beijar a mão da iyalorixá, depois deita em frente ao quarto de santo e bate cabeça sozinha. Desce e vai, aos poucos, se aproximando das bonecas pretas, olha, mexe nos colares de pedras que lembram guias, depois se dirige ao quarto de santo e pega uma pequena boneca com roupa de sereia, parecida com uma barbie, que está dentro de uma cesta com outros artefatos de yemanjá. Ela parece estar familiarizada com este brincar com as coisas do quarto de santo. Fiquei me perguntando “por que ela não mexe em outras coisas do culto?” Depois ela começou a interagir com as crianças maiores. Nesse meio tempo ficaram prontas as pipocas que havíamos levado... ela olhou para o grande recipiente, se dirigiu até ele, pegou uma porção de pipocas na mão, foi ao quarto-de-santo e largou um punhado num cantinho, olhou para as imagens, balbuciou coisas que não pude ouvir e mexia com a cabeça. Brincou com as outras crianças, mas quando viu as crianças entrando para dentro do saco para propor corridas, etc, pegou um saco, entrou pra dentro com um celular e ficou lá assistindo desenhos. Quando tentei espiar para dentro, ela se incomodou com a minha presença e fez sinal para

que eu fechasse novamente o saco e continuou “sozinha”, escondida e distante das coisas que fazíamos e conversávamos.

Cena 2 - Comidinhas e feitiços

Fiquei acompanhando a brincadeira das meninas com as bonecas, inicialmente brincavam de “fazer comidinha” em um faz de conta no qual uma das bonecas era a avó que cuidava das netas. A partir do momento em que encontraram o perfume e a marcela a brincadeira tomou outros rumos e elas começaram a “fazer feitiço”. O que seria fazer feitiço? A menina mais velha, que nessa altura já estava com todos os colares do saco da existência no pescoço, me ensinou que poderíamos enfeitiçar as guias para elas terem super-poderes. Botou uma das guias dentro da gamela, jogou marcela por cima, espirrou um pouco de perfume e começou a macerar tudo. Me explicou que havia feito uma guia de dormir, que tinha o poder de fazer dormir qualquer pessoa na qual ela fosse jogada. Do mesmo modo, ela fez também guias “de acordar” e a guia “mata formiga”, cuja função era, bem, matar formigas.

Nas cenas 1 e 2 observamos quatro elementos pertencentes às culturas infantis e que nos fizeram repercutir nos nossos estudos: a simultaneidade presente, a invenção e a imaginação e o conhecimento do mundo do terreiro. Na cena 1, a menina reconhece os ritos do batuque e brinca com artefatos “possíveis”, presentes no quarto de santo. Ela mesma reconhece a pipoca como “parte” pertencente ao rito e leva até o quarto de santo antes de comer, além de traçar diálogos com as forças das divindades. Ao mesmo tempo, ao ver as crianças maiores tentando realizar uma corrida- do- saco, tipicamente uma brincadeira de crianças maiores, pega um saco, e transforma numa casa própria para assistir suas animações no celular da mãe! Existe simultaneidade nestas ações, as meninas da cena 2 brincam e, ao mesmo tempo, praticam o ritual sem que haja qualquer desequilíbrio entre as ações brincantes e as ações da religiosidade. Consideramos que foram muitos momentos de **ressaca**, produzidos nas culturas infantis trazidas pelas crianças.

4. CONCLUSÕES

Nossa pesquisa tem nos ensinado a compreender que cada território tem um mundo singular, com dinâmicas próprias e que isso interfere nas culturas infantis presentes naquele terreiro. Cada grupo de crianças interage e concebe de maneira diferente os artefatos do saco da existência. As crianças se espalham e espalham as suas vivências, entrelaçadas entre si, entre brinquedos, e com pessoas adultas. São brinquedos tomados pelas crianças, compondo brincadeiras, antes não pensadas previamente por nós. Neste sentido o saco da existência é um disparador de reinvenções e um articulador de fazeres e em nenhum momento se apresenta como limitador das coisas feitas pelas crianças. As dinâmicas reinventadas pelas crianças apresentam o multiverso do cotidiano das brincadeiras das crianças, ora pertencentes ao ritmo do território afrodiáspórico, ora pertencentes às suas coisas infantis vividas em outros lugares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. C.; MEDEIROS, R. C. T. AZEVEDO, G. G.; SANT'ANNA JÚNIOR, A. Gira-mapa com corpos-sujeitos-infantis de terreiro:pistas e encruzadas metodológicas. In: ALVES, M. C.; MEDEIROS, R.(Org.) **Culturas infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022. Cap.12, p. 107 – 131.

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e Prática na Pesquisa com Crianças**: Diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez Editora, 2009. Cap. 1, p. 31 - 50.

FERREIRA, M. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos! As crianças como atores sociais e a (re)organização do grupo de pares no quotidiano de um jardim da Infância**. 2002. 736p. Tese de Doutorado - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória, **Letras**, Belo Horizonte, 2003, (26), 63- 81.

OYEWÙMÍ, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. [Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento]. In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (Eds.). **The African Philosophy Reader**. Abingdon: Routledge, 2002.p. 391 - 415.